

UM TRIENTE INÉDITO DE CHINDASVINTO BATIDO EM BARBI

*(pelo nosso saudoso consócio honorário
tenente-coronel António Elias Garcia)*

Há pouco tempo, nos campos de Idanha-a-Velha, a Egipitânia dos visigodos, foi achado um triente de Chindasvinto, proveniente da «ceca» ou oficina monetária de Barbi, velho município na Baetica.

Esta peça inédita foi adquirida pelo grande coleccionador e abastado proprietário naquela região, sr. António Marrocos, ⁽¹⁾ cuja particular amizade me autorizou a fazer a presente comunicação.

E assim, lentamente, vão aparecendo as espécies ignoradas da numária visigoda e se continua esperando por muitas outras, que venham ajudar a decifrar os seus enigmáticos problemas.

Estou, porém, convencido, infelizmente, que bastantes emissões desconhecidas se teriam perdido para sempre.

O triente, de que me estou ocupando, tem no reverso o busto de frente, ao modo vulgar e, no anverso, do busto apenas tem a cabeça, em posição análoga e, por baixo desta, uma cruz como se vê na figura.

Não constitui novidade esta estranha e significativa representação, pois da oficina monetária de Eliberri também existe um triente de Chindasvinto — único desta proveniência — precisamente semelhante. Igualmente da oficina monetária de Córdoba saíram trientes nestas condições, tanto de Chindasvinto, como de Tulga e Chintila.

O tipo desta misteriosa amoedação parece ter sido inspirado naquela emissão de Recaredo, para Tarraco, em que idênticamente se nos apresenta, numa das faces, o busto do rei de frente e, na outra, uma cruz debaixo dum arco ou diadema, dispositivo este de aspecto tão lapidar que recorda um estilo medieval na sua mais pura simplicidade.

(1) Já falecido.



Por outro lado, com excepção de Tulga, também saíram da oficina monetária de Córdoba trientes de Chindasvinto e de Chintila, sem a aludida cruz, isto é, com o busto completo à maneira normal, como aliás outro tanto sucedem nas emissões em Tarraco com Recaredo.

Verifica-se assim que há trientes do mesmo rei e da mesma oficina monetária que diferem apenas, por assim dizer, em ter ou não a cruz conforme se disse.

Não é possível estabelecer a generalidade deste facto, porque o estudo só se pode fazer, e com dificuldade, sobre as moedas que têm aparecido e não, por manifesta impossibilidade, sobre todas as que se bateram.

No entanto, não vejo dificuldade em admitir que estes trientes com o símbolo da cruz tivesse constituído uma emissão especial, além da corrente, conquanto, da natureza deste, se não conheçam ainda exemplares nalgumas «cecas».

A cruz, da maneira como está disposta, dá a illusória impressão de que está ali a servir de ornamento, como elemento decorativo pendente do pescoço. Não estando representado o resto do busto, e portanto o peito, sobre o qual aquela aparenta assentar, a composição nesse sentido ficaria incompleta. Nesta conformidade a interpretação deve ser outra. Ou a cruz, de qualquer forma, tapa o peito completamente ou o substitui.

*

Esta interpretação, de grande comodidade e aliás aceitável, não me pode satisfazer, porque eu vejo em trientes de Sisebuto e de Sisenando, oriundos da oficina de Mentesa, o mesmo símbolo divino cobrindo o rosto, segundo parece.

Nesta posição não é possível conceber qualquer ideia de adorno, nem timbre exclusivo da «ceca» de Mentesa, porque, desta proveniência e dos mesmos reis, há trientes da amoedação corrente e, portanto, sem aquela particularidade.

Por consequência, a existência da cruz, tanto duma maneira como de outra, deverá necessariamente ser referente a acontecimentos, da mesma ou diferente natureza e, para os quais, foi implorada a intervenção divina através do símbolo supremo do Salvador.

*

Na Numária visigoda todos os seus elementos decorativos têm uma razão de ser, um significado especial. As fontes históricas são muito poucas e

mesmo essas não desceram aos pormenores que permitam decifrar completamente a sua enigmática fisionomia.

Daí nasce a liberdade de cada um entrar no domínio das hipóteses, melhor ou pior fundamentadas, segundo o seu modo de ver.

*

Depois destas breves e bem intencionadas considerações, voltando ao triente que motivou estas linhas, e tratando-se de Chindasvinto, cuja adoração pela rainha, sua mulher, entrou nos domínios das crónicas, eu presumo que não só este triente, como todos os seus congêneres, deste rei, constituem uma amoedação, intencionalmente mandada executar, relacionada com a morte da rainha.

Relacionado com este panorama sentimental, e com aspecto mais pròpriamente de consagração, julgo estar aquela emissão de LVCV, a que Heïss se refere na pág. 34 da sua conhecida obra.

Conhecem-se vários exemplares de tão original triente e, felizmente, não me consta haver falsificação alguma.

Vêm todos mencionados na obra do dr. George Miles, com o n.º 340 (a, b, c, d, e), dos quais dois gravados.

Ali se vê representada a figura de Chindasvinto, como eu análogamente a tinha interpretado, há anos, quando tratei duma moeda deste rei batida em Lamego (*As moedas visigodas de Lamecum*, págs. 11/12).

Na outra face já não aparece a figura representativa da rainha e, em seu lugar, pôs-se uma cruz, para a confecção da qual a cidade de LVCV deu as letras do seu nome.

Isto faz revelar mais um espírito de homenagem da cidade do que pròpriamente o objectivo de indicar o nome da oficina, por este já se encontrar esclarecido na orla com a legenda LVCV PIVS. E não sei mesmo se a pròpria estrela, com que esta termina, pretende dar-lhe um cunho de consagração à moda romana.

*

De Chindasvinto não se conhece mais nenhum triente nestas condições, de outra oficina monetária, o que é de lastimar, pois qualquer outro, que apparecesse, muito útil se tornaria para o estudo destas complicadas interpretações.

Com esta emissão nasceu a ideia do monograma, se assim se lhe deve chamar, para indicação do nome da Oficina onde a moeda foi batida, artifício

este que foi seguido, em esquema cruciforme, quando Chindasvinto se associou ao filho na governação e, daí, até ao fim da Monarquia, em condições idênticas.

+ C ; N D A S V N T S R

Cabeça de frente da qual pende uma cruz

+ P I V S B A R B I

Busto de frente; tipo cordovês

Peso — 1, gr. 230

